

# “Eu lhes tenho dado a Tua Palavra” – Jesus e [é] a Verdade (Jo 17.1-26)

---

## Introdução:

A mensagem de Cristo consistiu num testemunho fidedigno e eloqüente a respeito de Si mesmo e do Pai: Ele anunciava a Palavra de Deus. João Batista assinala que Jesus Cristo *“testifica o que tem visto e ouvido; contudo, ninguém aceita o seu testemunho”* (Jo 3.32). Esta não aceitação era devido ao próprio pecado de seus ouvintes: *“O Verbo estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam”* (Jo 1.10-11). Quem não cria no testemunho do Filho, também não aceitava o testemunho do Pai a respeito de Seu Filho, tornando-O mentiroso. João: *“Se admitimos o testemunho (μαρτυρία) dos homens, o testemunho (μαρτυρία) de Deus é maior; ora, este é o testemunho (μαρτυρία) de Deus, que ele dá acerca de seu Filho. Aquele que crê no Filho de Deus tem, em si, o testemunho (μαρτυρία). Aquele que não dá crédito a Deus o faz mentiroso, porque não crê no testemunho (μαρτυρία) que Deus dá acerca do seu Filho”* (1Jo 5.9-10).

O próprio Jesus diante de Pilatos reivindicou a veracidade do Seu testemunho: *“... Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade (ἀλήθεια). Todo aquele que é da verdade (ἀλήθεια) ouve a minha voz”* (Jo 18.37).

Tendo uma compreensão correta deste testemunho, no Apocalipse, Jesus é chamado de *“a fiel testemunha”* (Ap 1.5).<sup>1</sup> Portanto, o Seu testemunho é verdadeiro.

Quando dizemos do testemunho de Jesus Cristo como sendo verdadeiro, falamos do Seu caráter, como sendo fiel e digno. Todavia, esta compreensão que por certo é de altíssima relevância, nada nos diz a respeito da Sua mensagem, do significado dela... Alguém poderia chegar para nós neste momento e dizer:

- “Você sabia que a Terra é redonda?” ou:
- “Você sabia que 2 + 2 é igual a 4?” ou ainda:
- “Você sabia que fórmula da composição da água é H<sub>2</sub>O?”.

Observem que todas estas afirmações são verdadeiras; a questão, entretanto, seria:

- Qual a importância disso para nós agora, neste instante?
- Qual o seu significado concreto?

---

<sup>1</sup> “E da parte de Jesus Cristo, a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos e o Soberano dos reis da terra. Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados” (Ap 1.5).

Teríamos de admitir, talvez um tanto constrangidos, que agora, neste momento, nada significam, embora sejam verdades relevantes.

Adentremos ao texto:

Na véspera da sua auto-entrega, Jesus Cristo se despede de Seus discípulos, falando do Consolador e das tribulações pelas quais passariam (Jo 13-16). Há aqui uma transição muito importante e significativa: O Senhor após falar de seu sofrimento, considera-o como algo vencido, que deve servir de estímulo aos Seus discípulos: *“Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo”* (Jo 16.33). A cruz, símbolo de vergonha, humilhação, dor e aparente derrota, faz parte essencial de Sua vitória. Aliás, todo o Seu ministério, envolvendo o Seu nascimento, ressurreição, ascensão e retorno glorioso, encontra o seu sentido na cruz.

Jesus agora faz esta oração intercessória a Deus por todos os Seus discípulos; tanto por aqueles imediatos, como também por nós (Jo 17.20-21). Esta oração está relacionada a todas as promessas anteriores; é, portanto, a conclusão natural de Sua conversa com os discípulos.<sup>2</sup> João mesmo faz a transição: *“Tendo Jesus falado estas coisas levantou os olhos ao céu...”* (Jo 17.1).<sup>3</sup> Aqui há um sentido espiritual; Ele ora ao Pai que está nos céus. Os discípulos são testemunhas desta oração extremamente pessoal e intransferível de Seu Senhor. Nesta oração vemos de forma indelével a realidade da divindade e humanidade de Jesus Cristo. Ele tem a perfeita consciência disto. Ora ao Pai como qualquer ser humano pode fazer; no entanto, o que diz somente Ele poderia de fato dizer. Jesus Cristo é perfeitamente o Deus Encarnado.

O nosso Senhor tinha diante de Si a perfeita compreensão e domínio de Sua Missão e do tempo certo; Ele conhecia perfeitamente a Sua agenda; sabia a Sua hora: *“Tendo Jesus falado estas coisas, levantou os olhos ao céu e disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti”* (Jo 17.1). Nas Bodas de Caná, dissera a Maria: *“... Ainda não é chegada a minha hora”* (Jo 2.4). Em outros contextos, demonstrara a mesma percepção: Depois da entrada triunfal em Jerusalém: *“É chegada a hora de ser glorificado o Filho do Homem”* (Jo 12.23). Em seguida: *“Agora, está angustiada a minha alma, e que direi eu? Pai, salva-me desta hora? Mas precisamente com este propósito vim para esta hora”* (Jo 12.27). Próximo à Páscoa, *“Ora, antes da Festa da Páscoa, sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim”* (Jo 13.1).

Em João 17.14 relata ao Pai: *“Eu lhes tenho dado a Tua Palavra...”*. Neste texto queremos analisar o sentido da verdade expresso por Jesus Cristo.

---

<sup>2</sup> Ver: Marcus Dods, John: In: W. Robertson Nicoll, ed. *The Expositor's Bible*, [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 2000), Parte 2, Capítulo 16.

<sup>3</sup> “A oração pode ser vista como a *consumação* dos discursos. Ela mostra que a base sólida e firme de todos os fundamentos de conforto, admoestação e predições está no céu. Ela liga todas as promessas ao trono de Deus. Aqui tudo é garantido. O capítulo não contém nenhuma sentença condicional” [William Hendriksen, *O Evangelho de João*, São Paulo: Cultura Cristã, 2004, (Jo 17), p. 751].

Na Sua oração Jesus declara a certeza da veracidade da palavra de Deus: “A Tua Palavra é a verdade (ἀλήθεια)” (17). “E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade (ἀλήθεια)” (19).

Etimologicamente, a idéia da palavra verdade (ἀλήθεια) é de “*não ocultamento*”, mostrando-se tal qual é em sua pureza, sem falsificação. Jesus diz ao Pai que proclamou a Sua Palavra a qual é a verdade; nela não há ambiguidade, dupla intenção, antes, expressa as coisas como realmente são em sua essência. Analisemos alguns aspectos concernentes à verdade.

## A) A Inacessibilidade da Verdade:

“O atual abismo entre as gerações, ocasionou-se quase que totalmente de uma alteração do conceito de verdade” – Francis A. Schaeffer, *O Deus que Intervém*, São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 21.

Alan Bloom em estudo que faz uma ressonância do ensino das Universidades americanas em meados dos anos de 1980, a certa altura, fala de forma irônica da certeza que os professores universitários podem ter quanto aos seus alunos: “Quase todos os estudantes que entram na universidade acreditam, ou dizem acreditar, que a verdade é relativa”. Continua: “A verdade relativa não é uma concepção teórica, mas um postulado moral, uma condição para toda sociedade livre”.<sup>4</sup>

Dentro da perspectiva “pós-moderna” há uma crise epistemológica forjada, que gera a concepção de que a verdade, se existe, é inacessível; daí o abandono da procura da verdade e, conseqüentemente, a carência de ensino sobre a importância da verdade e sobre valores considerados verdadeiros.<sup>5</sup>

Deste modo, procurando evitar o perigo de um agnosticismo absoluto – que seria um suicídio intelectual e da própria tese –, admite-se a verdade dentro do universo singular de cada indivíduo; deste modo, a sua verdade é sua e não tem nenhum valor objetivo, portanto, não há nada nela de universalizante. Deste modo, de posse de minha verdade procuro vivê-la dentro das dimensões de minha subjetividade e nada mais.

O educador Paul Spears observa que “o treinamento de alunos sobre como chegar à verdade pela razão é algo que já foi abandonado porque, a idéia

<sup>4</sup> Alan Bloom, *O Declínio da Cultura Ocidental*, 3ª ed. São Paulo: Best Seller, 1989, 29.

<sup>5</sup> “Ao criar uma crise epistemológica, os questionamentos pós-modernistas rejeitam até a possibilidade da verdade, histórica ou qualquer outra” (Clyde P. Greer, Jr., Refletindo Honestamente sobre a História: In: John F. MacArthur, Jr. ed. ger. *Pense Biblicamente!: recuperando a visão cristã do mundo*, São Paulo: Hagnos, 2005, p. 411).

de que alguém pode ter realmente acesso à verdade absoluta parece tolice”.<sup>6</sup>

Notamos então, que quando a verdade é considerada, tem apenas um sentido local e circunstancial: “Minha verdade”, “sua verdade”, “verdade de cada um”, “verdade para aquela época”, “verdade para aquele povo”, etc. Já observamos como no campo das ciências sociais evita-se emitir juízo de valor? Fala-se de “fenômeno”; deste modo, foge-se da questão do certo e errado; verdade e mentira. Apenas descrevo o “fenômeno”, palavra mágica, que faz-me dizer o “fato” como se manifesta dentro de minha percepção e mais nada. Atitude ingênua: como se fosse possível ter percepção sem uma gama enorme de valores que a referenciam dentro de meu universo epistemológico.<sup>7</sup>

Partindo desta perspectiva, a verdade passou a ser simplesmente construída; deste modo, não há lugar para absolutos. “Os pós-modernistas rejeitam totalmente a verdade objetiva. A verdade não é uma descoberta feita a partir do mundo externo. Antes, a verdade é uma construção”.<sup>8</sup>

No entanto, as Escrituras nos falam de verdade absoluta, acessível verificável e vivenciável. A Palavra de Deus nos desafia a conhecer a verdade e a praticá-la como testemunho de fé, certos de que o propósito de Deus para o homem é sempre perfeito; a Sua vontade é boa, perfeita e agradável: “*E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus*” (Rm 12.2).

Esta verdade precisa ser proclamada que pela palavra quer, principalmente pela nossa perspectiva do mundo que se materialize em nossas ações. Portanto, não podemos simplesmente ignorar as influências de nosso meio: “A igreja jamais manifestará seu poder na sociedade, se não recuperar um amor ardente pela verdade e aversão à mentira. O verdadeiro crente não pode fechar os olhos ou negligenciar as influências anticristãs em seu meio, esperando desfrutar das bênçãos de Deus”.<sup>9</sup>

## **B) A Verdade de Deus num mundo de Mentiras:**

O Cristianismo revela a sua coerência lógica e espiritual pelo seu comprometimento com a verdade. Não há relevância na mentira. A proclamação cristã insiste no fato de que Deus é verdadeiro e que Ele Se revela, dando-Se a conhecer. As Escri-

---

<sup>6</sup> Paul Spears, Introdução à Filosofia. In: Paul Spears, et. al. *Fundamentos Bíblicos e Filosóficos da Educação*, São Paulo: Associação Internacional de Escolas Cristãs-Brasil, 2004, p. 13. “Ao criar uma crise epistemológica, os questionamentos pós-modernistas rejeitam até a possibilidade da verdade, histórica ou qualquer outra” (Clyde P. Greer, Jr., Refletindo Honestamente sobre a História: In: John F. MacArthur, Jr. ed. ger., *Pense Biblicamente!: recuperando a visão cristã do mundo*, São Paulo: Hagnos, 2005, p. 411).

<sup>7</sup> Ver Hermisten M.P. Costa, *Raízes da Teologia Contemporânea*, São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

<sup>8</sup> Gene Edward Veith, Jr., *De Todo o teu entendimento*, São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 55-56.

<sup>9</sup> John F. MacArthur Jr. Introdução do Editor: In: John F. MacArthur Jr. ed. *Ouro de Tolo? Discernindo a Verdade em uma Época de Erro*, São José dos Campos, SP.: Fiel, 2006, p. 11

turas enfatizam esta realidade que confere sentido a toda a nossa existência, quer aqui, quer na eternidade. Deus é transcendente e pessoal; Ele se relaciona pessoalmente conosco.

## 1) O DEUS TRIÚNO É VERDADEIRO:

O próprio fato de dar testemunho, tão enfático, especialmente nos escritos de João e em Atos, revela a relevância histórica do ocorrido: nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Conforme já enfatizamos, o Cristianismo é uma religião de história. Ele se baseia em fatos os quais devem ser testemunhados, visto que eles têm uma relação direta com a vida dos que crêem. A fé cristã fundamenta-se no próprio Cristo: O Deus-Homem. Sem o Cristo Histórico não haveria Cristianismo. A sua força e singularidade amparam-se na pessoa de Cristo, não simplesmente nos seus ensinamentos. O Cristianismo é o próprio Cristo. Dar testemunho significa trazer a público de forma apropriada algo experimentado e que não pode ser negligenciado.<sup>10</sup>

Nós cremos num Deus verdadeiro, em quem temos vida; este é o testemunho da Igreja conforme a oração de Jesus Cristo: “*E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro (ἀληθινός), e a Jesus Cristo, a quem enviaste*” (Jo 17.3).

Jesus Cristo é a verdade e o verdadeiro Deus a quem reconhecemos pela graça. Ele mesmo afirma: “*Eu sou o caminho, e a verdade (ἀλήθεια), e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim*” (Jo 14.6). João dá testemunho da veracidade do Pai e do Filho: “*Também sabemos que o Filho de Deus é vindo e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro (ἀληθινός); e estamos no verdadeiro (ἀληθινός), em seu Filho, Jesus Cristo. Este é o verdadeiro (ἀληθινός) Deus e a vida eterna*” (1Jo 5.20).

O Espírito é a verdade, dando testemunho e nos conduzindo à verdade: “*Quando vier, porém, o Espírito da verdade (ἀλήθεια), ele vos guiará a toda a verdade (ἀλήθεια); porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir*” (Jo 16.13). “*... E o Espírito é o que dá testemunho, porque o Espírito é a verdade (ἀλήθεια)*” (1Jo 5.6).

## 2) O ENSINO VERDADEIRO DO VERDADEIRO DEUS:

Jesus Cristo por ser verdadeiro ensina a verdade; o reto ensino. Os fariseus, por sua vez, tentando preparar armadilha para Jesus, partem de um conceito comum entre todos os que O ouviam: a integridade de seu ensino e comportamento. Assim articulam: registra Mateus: “*E enviaram-lhe discípulos, juntamente com os herodianos, para dizer-lhe: Mestre, sabemos que és verdadeiro (ἀληθής) e que ensinas (διδάσκω) o caminho de Deus, de acordo com a verdade (ἀλήθεια), sem te importares com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens*” (Mt

<sup>10</sup> Veja-se: L. Coenen, et. al., Testemunha: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, Vol. IV, p. 610.

22.16). Em narrativa paralela, registrada por Lucas, lemos: *“Então, o consultaram, dizendo: Mestre, sabemos que falas e ensinas retamente (ὀρθῶς) e não te deixas levar de respeitos humanos, porém ensinas o caminho de Deus segundo a verdade (ἀλήθεια)”* (Lc 20.21).

O Evangelho é verdadeiro; é a Palavra da verdade (Gl 2.5,14; Ef 1.13; Cl 1.5-6; 2Tm 2.15; Tg 1.18). A Palavra de Deus é a verdade por meio da qual o Espírito nos gera: *“Pois, segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade (ἀλήθεια) para que fôssemos como que primícias das suas criaturas”* (Tg 1.18). É a esta verdade que o Espírito nos conduz, conforme prometera Jesus: *“Quando vier, porém, o Espírito da verdade (ἀλήθεια), ele vos guiará a toda a verdade (ἀλήθεια); porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir”* (Jo 16.13).

Os caminhos de Deus são verdadeiros em si mesmos, não havendo injustiça. No Apocalipse lemos o cântico dos santos libertos por Deus: *“E entoavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus, Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros (ἀληθινός) são os teus caminhos, ó Rei das nações!”* (Ap 15.3).

### 3) A RECEPÇÃO E APEGO À VERDADE:

O Evangelho é para ser recebido como o ensino autoritativo de Deus. Esta recepção envolve o nosso “andar” nele. A aceitação do Evangelho tem implicações em todas as áreas de nossa vida, não é apenas algo intelectual.

Aqui de forma indireta podemos ver a nossa responsabilidade como pregadores. A mensagem que transmitimos exige uma postura responsável, compatível com a sua gravidade e suas implicações. Paulo se refere aos irmãos da igreja de Corinto como aqueles que receberam o Evangelho e nele perseveraram: *“Irmãos, venho lembrar-vos o evangelho que vos anunciei, o qual recebestes (παράλαμβάνω)<sup>11</sup> e no qual ainda perseverais”* (1Co 15.1).

Aos colossenses refere-se ao Evangelho que foi ouvido e entendido e estava produzindo fruto: *“por causa da esperança que vos está preservada nos céus, da qual antes ouvistes pela palavra da verdade (ἀλήθεια) do evangelho, que chegou até vós; como também, em todo o mundo, está produzindo fruto e crescendo, tal acontece entre vós, desde o dia em que ouvistes e entendestes (ἐπιγινώσκω)<sup>12</sup> a graça de Deus na verdade (ἀλήθεια)”* (Cl 1.5-6).

Paulo dá graças a Deus pelo fato dos tessalonicenses terem recebido com discernimento a Palavra proclamada, procedente de Deus: *“Outra razão ainda temos nós para, incessantemente, dar graças a Deus: é que, tendo vós recebido (παρά-*

<sup>11</sup> Tem o sentido pessoal de tomar para si, levar consigo, tomar posse. É o próprio Senhor quem escolhe três discípulos para Se revelar (Mt 17.1; 20.17; 26.37/Mc 5.40). Ele mesmo, o Senhor Jesus nos receberá no céu (Jo 14.3/Mt 24.40).

<sup>12</sup> Indica o reconhecimento consciente, imediato e intenso do Evangelho.

λαμβάνω) a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes (δέχομαι)<sup>13</sup> não como palavra de homens, e sim como, em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes” (1Ts 2.13/1Ts 1.6).<sup>14</sup> Os tessalonicenses ativamente “tomaram posse da Palavra” (παραλαμβάνω) que ouviram e, num ato subsequente, a receberam de forma prazerosa em seus corações (δέχομαι). O receber pode ser um ato ou processo mais imediato; porém, o acolher envolve um processo de assimilação prazerosa, compreensão, aplicação e obediência.

Esta Palavra produz frutos naqueles que crêem. O acolhimento da Palavra faz parte essencial do processo de santificação que se dá gradativamente conforme o Evangelho for preservado em nós. Tiago instrui: “Portanto, despojando-vos de toda impureza e acúmulo de maldade (κακία), acolhei (δέχομαι), com mansidão, a palavra em vós implantada (ἐμφυτος)<sup>15</sup> = “semeada”, a qual é poderosa para salvar a vossa alma” (Tg 1.21).

Paulo como embaixador do “ministério da reconciliação” (2Co 5.18,20) exorta aos coríntios para que o Evangelho, “a palavra da reconciliação” (2Co 5.19) de Deus, não fosse recebido de modo vão, sem discernimento: “E nós, na qualidade de cooperadores com ele, também vos exortamos a que não recebais (δέχομαι) em vão a graça de Deus” (2Co 6.1).

A verdade de Deus vai revelando a sua eficácia em nossa vida gradativamente, conforme a formos praticando. Daí a instrução de Paulo no sentido de que devemos seguir a verdade em amor para que possamos nos aperfeiçoar em Cristo: “... seguindo a verdade (ἀληθείᾳ) em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo” (Ef 4.15). Esta, por sua vez, deve estar associada à piedade. Paulo entende o seu apostolado partindo desta perspectiva: “Paulo, servo de Deus e apóstolo de Jesus Cristo, para promover (κατά)<sup>16</sup> a fé que é dos eleitos (ἐκλεκτός)<sup>17</sup> de Deus e o pleno conhecimento da verdade (ἀλήθεια) segundo a piedade” (Tt 1.1). Estamos convencidos de que a genuína piedade bíblica (εὐσέβεια) começa pela compreensão correta do mistério de Cristo, conforme nos diz Paulo: “Evidentemente, grande é o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado na carne foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória” (1Tm 3.16). Portanto, devemos indagar sempre a respeito de doutrinas consideradas evangélicas, se elas, de fato, contribuem para a piedade. A genuína ortodoxia será plena de vida e piedade. Paulo diz que é apóstolo da parte de Jesus Cristo comprometido com a fé que é dos eleitos de Deus. O seu ensino tinha este propósito

<sup>13</sup> Tem também o sentido de “receber”, “aceitar”, “aprovar”. Estevão sendo apedrejado ora: “... Senhor Jesus, recebe (δέχομαι) o meu espírito!” (At 7.59).

<sup>14</sup> “Com efeito, vos tornastes imitadores nossos e do Senhor, tendo recebido (δέχομαι) a palavra, posto que em meio de muita tribulação, com alegria do Espírito Santo” (1Ts 1.6).

<sup>15</sup> Esta palavra só ocorre neste texto em todo o Novo Testamento.

<sup>16</sup> Κατά quando estabelece relação, tem o sentido de “de acordo com a”, “com referência a”. No texto, pode ter o sentido de “segundo a fé que é dos eleitos”, “no interesse de”, “promover”, etc. (Mc 7.5; Lc 1.9,38; 2.22,24,29; Jo 19.7; At 24.14; Cl 1.25,29; 2Tm 1.1,8,9; Hb 7.5).

<sup>17</sup> \*Mt 22.14; 24.22,24,31; Mc 13.20,22,27; Lc 18.7; 23.35; Rm 8.33; 16.13; Cl 3.12; 1Tm 5.21; 2Tm 2.10; Tt 1.1; 1Pe 1.1; 2.4; 1Pe 2.6,9; 2Jo 1,13; Ap 17.14.

– diferentemente dos falsos mestres, que se ocupavam com fábulas e mandamentos procedentes da mentira (Tt 1.14)<sup>18</sup> – promover a fé dos crentes em Cristo Jesus. A fé que é dos eleitos, portanto, deve ser desenvolvida no “pleno conhecimento (ἐπίγνωσις)<sup>19</sup> da verdade (ἀλήθεια)”. Ou seja, a nossa salvação se materializa em nosso conhecimento intensivo e qualitativamente completo da verdade. Contudo, este conhecimento da verdade, longe de arrogante e auto-suficiente, está relacionado com a piedade: “segundo a piedade (εὐσέβεια)”<sup>20</sup>. O verdadeiro conhecimento de Deus é cheio de piedade. Piedade caracteriza a atitude correta para com Deus, englobando temor, reverência, adoração e obediência, bem como um relacionamento justo como o nosso próximo. Ela é a palavra para a verdadeira religião.<sup>21</sup>

João diz que a sua maior alegria é saber que seus filhos andam na verdade: “*Pois fiquei sobremodo alegre pela vinda de irmãos e pelo seu testemunho da tua verdade (ἀλήθεια), como tu andas (περιπατέω)<sup>22</sup> na verdade (ἀλήθεια). Não tenho maior alegria do que esta, a de ouvir que meus filhos andam (περιπατέω) na verdade (ἀλήθεια)*” (3Jo 3,4). Andar na verdade significa viver em obediência aos mandamentos de Deus: “*Fiquei sobremodo alegre em ter encontrado dentre os teus filhos os que andam (περιπατέω) na verdade, de acordo com o mandamento que recebemos da parte do Pai*” (2Jo 4). A verdade é a alegria do amor: “[O amor] não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade (ἀλήθεια)” (1Co 13.6). Não há crimes de amor; o amor se apraz na justiça e na verdade.

<sup>18</sup> “E não se ocupem com fábulas judaicas, nem com mandamentos de homens desviados da verdade” (Tt 1.14).

<sup>19</sup> \* Rm 1.28; 3.20; 10.2; Ef 1.17; 4.13; Fp 1.9; Cl 1.9,10; 2.2; 3.10; 1Tm 2.4; 2Tm 2.25; 3.7; Tt 1.1; Fm 6; Hb 10.26; 2Pe 1.2,3,8; 2.20.

<sup>20</sup> \*At 3.12; 1Tm 2.2; 3.16; 4.7,8; 6.3,5,6,11; 2Tm 3.5; Tt 1.1; 2Pe 1.3,6,7; 3.11.

<sup>21</sup> Ver: William Barclay, *Palavras Chaves do Novo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 1988 (reimpressão), p. 73-80.

<sup>22</sup> Além do sentido literal de “andar”, “caminhar”, tem, como neste caso, o sentido de proceder, viver. O Novo Testamento utiliza a palavra de modo figurado indicando como deve ser o nosso comportamento:

**1) Positivamente:**

- a) “Em novidade de vida” (Rm 6.4)
- b) Às claras; na luz (Rm 13.13; 1Jo 1.7)
- c) Em amor fraternal (Rm 14.15; Ef 5.2; 2Jo 6)
- d) Por fé (2Co 5.7)
- e) No Espírito (Cl 5.16)
- f) Segundo as obras de Deus (Ef 2.10)
- g) Conforme os mandamentos de Deus: a verdade (2Jo 4; 3Jo 3-4)
- h) Como filhos da luz (Ef 5.8)
- i) Com sabedoria (Cl 4.5)
- j) Segundo o modelo e ensino apostólico (Fp 3.17-18; 2Ts 3.6)
- k) Dignamente (Ef 4.1; Cl 1.10; 1Ts 2.12; 4.12)
- l) Conforme Cristo (Cl 2.6; 1Jo 2.6)
- m) Visando agradar a Deus (1Ts 4.1)

**2) Negativamente:**

- a) Segundo a carne (Rm 8.4/Cl 3.5-7)
- b) Segundo o homem (1Co 3.3)
- c) Segundo o mundo (2Co 10.2-3; Ef 2.2)
- d) Vaidade de seus pensamentos (Ef 4.17)
- e) Desordenadamente (2Ts 3.6,11)
- f) Trevas: odiando seu irmão (1Jo 1.6; 2.11)

Como evidência de nosso novo nascimento espiritual, devemos falar a verdade. *“Por isso, deixando a mentira, fale cada um a verdade (ἀλήθεια) com o seu próximo, porque somos membros uns dos outros”* (Ef 4.25).

#### 4) A NECESSIDADE DE DISCERNIMENTO:

##### A) A Má vontade para com a verdade e a sua manipulação:

Em determinadas ocasiões muitos se recusarão a ouvir a verdade. No final de sua vida, Paulo, com a consciência certa de ter concluído fielmente o seu ministério, exorta ao jovem Timóteo: *“Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina. Pois haverá tempo (καιρός)<sup>23</sup> em que não suportarão (ἀνέχομαι)<sup>24</sup> a sã doutrina (διδασκαλία); pelo contrário, cercar-se-ão de mestres, segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade (ἀλήθεια), entregando-se às fábulas (μῦθος = lenda, mito)”<sup>25</sup>* (2Tm 4.3-4).

Satanás fala o que lhe é próprio; o mundo o ouve. A verdade, no entanto, nem sempre é bem-vinda: *“Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos. Ele foi homicida desde o princípio e jamais se firmou na verdade (ἀλήθεια), porque nele não há verdade (ἀλήθεια). Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira. Mas, porque eu digo a verdade (ἀλήθεια), não me credes. Quem dentre vós me convence de pecado? Se*

<sup>23</sup> A idéia da palavra é de “oportunidade”, “tempo certo”, “tempo favorável”, etc. (Vd. Mt 24.45; Mc 12.2; Lc 20.10; Jo 7.6,8; At 24.25; Gl 6.10; Cl 4.5; Hb 11.15). Ela enfatiza mais o conteúdo do tempo. Este termo que ocorre 85 vezes no NT é mais comumente traduzido por “tempo”, surgindo, então, algumas variantes, indicando a idéia de oportunidade. Assim temos (Almeida Revista e Atualizada): *Tempo e tempos*: Mt 8.29; 11.25; 12.1; 13.30; 14.1; Lc 21.24; At 3.20; 17.26; *“Devidos tempos”*: Mt 21.41; *“Tempo determinado”*: Ap 11.18; *“Momento oportuno”*: Lc 4.13; *“Tempo oportuno”*: Hb 9.10; 1Pe 5.6; *Oportunidade*: Lc 19.44; Gl 6.10; Cl 4.5; Hb 11.15; *Devido tempo*: Lc 20.10; *Presente*: Mc 10.30; Lc 18.30; *“Circunstâncias oportunas”*: 1Pe 1.11; *Algum tempo*: Lc 8.13; *Hora*: Lc 8.13; 21.8; *Época*: Lc 12.56; At 1.7; 1Ts 5.1 (Χρόνων καὶ τῶν καιρῶν); 1Tm 6.15; Hb 9.9; *Ocasão*: Lc 13.1; 2Ts 2.6; 1Pe 4.17; *Estações*: At 14.17; *Vagar*: At 24.25; *Avançado*: Hb 11.11.

No texto que estamos analisando, Paulo está dizendo que aquelas pessoas que hoje ouvem a Palavra com interesse e avidez poderão não ouvir em outras épocas ou circunstâncias, daí a nossa responsabilidade de anunciar a Palavra de Deus e o nosso senso de urgência...

<sup>24</sup> Ἀνέχομαι aparece 15 vezes no Novo Testamento, sendo traduzida por: “Sofrer” (Mt 17.17 = Mc 9.19; Lc 9.41); “atender” (At 18.14); “suportar” (1Co 4.12; 2Co 11.1; Ef 4.2; Cl 3.13; 2Ts 1.4; 2Tm 4.3; Hb 13.22); “tolerar” (2Co 11.4,19,20). Na LXX este verbo não ocorre. No entanto, a)ne/xw é empregada umas 11 vezes, sendo traduzida por: conter (Is 42.14; 64.12); carregar (Is 46.4), deter (Is 63.15) e reter (Am 4.7; Ag 1.10). Originalmente, a palavra estava associada à idéia de manter-se ereto, erguido; daí o sentido de suportar de “cabeça erguida”.

<sup>25</sup> Calvino, que define fábulas como “... aqueles contos fúteis e levianos que não têm em si nada de sólido” [João Calvino, *As Pastorais*, (1Tm 1.4), p. 29], adverte-nos quanto aos perigos da fé que se deixa influenciar por elas: “[A] fé saudável equivale à fé que não sofreu nenhuma corrupção proveniente de fábulas” [João Calvino, *As Pastorais*, (Tt 1.14), p. 320]; “Se porventura desejarmos conservar a fé em sua integridade, temos de aprender com toda prudência a refrear nossos sentidos para não nos entregarmos a invencionices estranhas. Pois assim que a pessoa passa a dar atenção às fábulas, ela perde também a integridade de sua fé” [João Calvino, *As Pastorais*, (Tt 1.14), p. 320].

vos digo a verdade (ἀλήθεια), por que razão não me credes?” (Jo 8.44-46). Os filhos de Abraão, apenas da carne, queriam matar a Jesus justamente porque Ele dizia a verdade: “Então, Ihe responderam: Nosso pai é Abraão. Disse-lhes Jesus: Se sois filhos de Abraão, praticai as obras de Abraão. Mas agora procurais matar-me, a mim que vos tenho falado a verdade (ἀλήθεια) que ouvi de Deus; assim não procedeu Abraão” (Jo 8.39-40).

O mundo prefere transformar a verdade de Deus em mentira, recebendo o justo castigo por isso: “Pois eles mudaram a verdade (ἀλήθεια) de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém! Por causa disso, os entregou Deus a paixões infames; porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contacto natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro. E, por terem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes, cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade; sendo difamadores, caluniadores, aborrecidos de Deus, insolentes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais, insensatos, pérfidos, sem afeição natural e sem misericórdia” (Rm 1.25-31).

## **B) Sinceridade com discernimento:**

Jesus Cristo afirma que aquele que deseja fazer a vontade de Deus deve examinar a doutrina: “Se alguém quiser fazer a vontade (Θέλημα) dele (Deus), conhecerá (γινώσκω) a respeito da doutrina (διδασχί), se ela é de Deus” (Jo 7.17).

Já na década de 60 do primeiro século encontramos em Colossos vestígios de uma heresia que tentava fundir a simplicidade do Evangelho com especulações filosóficas – caracterizadas por práticas ascéticas – estando estes ensinamentos a prejudicar a Igreja (Cl 2.8, 16,18,20,21). Paulo, acompanhado por Timóteo e Epafras (Cl 1.1; 4.12), escreve aos colossenses, mostrando a supremacia de Cristo sobre todas as coisas (Cl 1.15,19; 2.3,19). Juntamente com o ensino correto, Paulo declara que ele próprio, Timóteo e Epafras estão orando pela Igreja: “... Não cessamos de orar por vós, e de pedir que transbordeis de pleno conhecimento da sua vontade (Θέλημα), em toda a sabedoria (Σοφία) e entendimento (Σύνεσις)”<sup>26</sup> (Cl 1.9). “Saúda-vos Epafras que é dentre vós, servo de Cristo Jesus, o qual se esforça sobremaneira, continuamente, por vós, nas orações, para que vos conserveis perfeitos e plenamente convictos em toda a vontade (Θέλημα) de Deus” (Cl 4.12).

Por isso, insistimos: é necessário discernimento para interpretar as doutrinas que nos são transmitidas a fim de saber se são de Deus ou não (Jo 7.17). Portanto, de-

<sup>26</sup> Σύνεσις (synesis), ocorre 7 vezes no NT.: Mc 12.33; Lc 2.47; 1Co 1.19; Ef 3.4; Cl 1.9; 2.2; 2Tm 2.7, significando, discernimento, inteligência, envolvendo, conforme vimos, a idéia de reunir as evidências para avaliar e chegar a uma conclusão. Este “entendimento” deve ser fruto de uma reflexão, recorrendo, contudo, à iluminação de Deus (2Tm 2.7). Esta palavra é da mesma raiz de Συνίημι (syniēmi).

vemos desejar conhecer a vontade de Deus (Ef 5.17). Paulo orava para que os colossenses "*transbordassem*" [πληρωθῆτε]. A voz passiva indica aqui a ação de Deus; para que "Deus encha vocês" deste genuíno conhecimento (Cl 1.9<sup>27</sup>/Cl 4.12/Hb 13.21).

Devemos dar crédito à verdade procedente de Deus (1Ts 2.10-13). Contudo, como muitos falsos mestres têm saído pelo mundo, faz-se necessário provar os espíritos; precisamos exercitar o "ceticismo cristão" que não aceita tudo, contudo, não rejeita a procura da verdade.<sup>28</sup> "*Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai (δοκιμάζω)<sup>29</sup> os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora. Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem e, presentemente, já está no mundo. Filhinhos, vós sois de Deus e tendes vencido os falsos profetas, porque maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo. Eles procedem do mundo; por essa razão, falam da parte do mundo, e o mundo os ouve. Nós somos de Deus; aquele que conhece a Deus nos ouve; aquele que não é da parte de Deus não nos ouve. Nisto reconhecemos o espírito da verdade (ἀλήθεια) e o espírito do erro" (1Jo 4.1-6).<sup>30</sup> A verdade não gera mentira: "...mentira alguma jamais procede da verdade (ἀλήθεια)" (1Jo 2.21).*

O nosso desejo de servir a Deus não nos deve tornar presas fáceis de qualquer ensinamento ou doutrina; precisamos cientificar-nos se aquilo que é-nos transmitido procede ou não de Deus. Para este exame temos as Escrituras Sagradas como fonte de todo conhecimento revelado a respeito de Deus e do que Ele deseja de nós; foi assim que a nobre Igreja de Beréia procedeu ao ouvir Paulo e Silas. Ainda que aqueles irmãos tenham recebido a Palavra com avidez, isto não os impediu de exa-

---

<sup>27</sup> "Quando todo o espaço das nossas mentes for preenchido até transbordar com o conhecimento da vontade do Senhor, já não teremos muito interesse em satisfazer egoisticamente a nossa própria vontade" (R. P. Shedd, *Andai Nele: Exposição bíblica de Colossenses*, São Paulo: ABU., 1979, p. 22).

<sup>28</sup> Ver: Gene Edward Veith, Jr., *De Todo o teu entendimento*, São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 129-131.

<sup>29</sup> Δοκιμάζω ressalta o aspecto positivo de "provar" para "aprovar", indicando a genuinidade do que foi testado (2Co 8.8; 1Ts 2.4; 1Tm 3.10).

<sup>30</sup> Archibald Alexander (1772-1851), um dos fundadores do Seminário de Princeton e seu primeiro professor de Teologia Sistemática, resumiu:

"Na avaliação da experiência religiosa é de todo importante manter continuamente à vista o sistema de verdade divina contido nas Sagradas Escrituras; caso contrário, nossa experiência, como ocorre muito freqüentemente, se degenerará em entusiasmo. (...) Em nossos dias não há nada mais necessário que estabelecer na religião, uma cuidadosa distinção entre as experiências verdadeiras e as falsas; para 'provar os espíritos se procedem de Deus.' E ao fazer esta discriminação, não há outro padrão de prova senão a infalível Palavra de Deus. Tragamos cada pensamento, motivo, impulso e emoção, ante esta pedra de toque. 'À lei e ao testemunho, se não falam de acordo com estes, é porque não há luz neles!'" [Archibald Alexander, *Thoughts on Religious Experience*, Carlisle, Pennsylvania: The Banner of Truth Trust, 1989 (Reprinted), p. XVIII].

minar<sup>31</sup> “as Escrituras todos os dias para ver se as cousas eram de fato assim” (At 17.11). “Eles combinavam receptividade com questionamento crítico”.<sup>32</sup>

Portanto, como há outras vozes querendo nos afastar da verdade, apresentando um caminho que, à primeira vista, pode nos parecer mais convidativo e tentador, devemos perseverar no caminho da verdade. Paulo recrimina o esmorecimento dos gálatas que começando a crer corretamente na graça de Deus, agora, passam a viver, como se fosse possível, pelas obras. O legalismo judaico se constituía num impedimento aos judeus cristãos: “Vós corréis bem; quem vos impediu (ἐγκόπτω) de continuardes a obedecer à verdade (ἀλήθεια)?” (Gl 5.7).

Os falsos mestres, privados da verdade,<sup>33</sup> procuram desviar-nos da verdade pervertendo os ensinamentos da Palavra. Paulo cita dois falsos mestres de seu tempo, Himeneu<sup>34</sup> e Fileto, que, seguindo ensinamentos gnósticos, com uma linguagem corrosiva, eliminavam a esperança na ressurreição futura, pervertendo a fé de alguns: “Além disso, a linguagem deles corrói como câncer (γάγγραινα),<sup>35</sup> entre os quais se incluem Himeneu e Fileto. Estes se desviaram da verdade (ἀλήθεια), asseverando que a ressurreição já se realizou, e estão pervertendo (ἀνατρέπω = “arruinar”, “virar”<sup>36</sup>) a fé a alguns” (2Tm 2.17-18). A falsa doutrina é contagiante. Paulo exorta a Tito com veemência a respeito dos insubordinados, especialmente judeus: “É preciso fazê-los calar, porque andam pervertendo (ἀνατρέπω) casas inteiras, ensinando o que não devem, por torpe ganância” (Tt 1.11). Por causa dos falsos mestres o caminho da verdade será infamado. “Assim como, no meio do povo, surgiram falsos profetas (ψευδοπροφήτης),<sup>37</sup> assim também haverá entre vós falsos mestres (ψευδοδιδάσκαλος), os quais introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras, até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição. E muitos seguirão as suas práticas libertinas (ἀσέλγεια), e, por causa deles, será infamado (βλασφημέω)<sup>38</sup> o caminho da ver-

<sup>31</sup> A palavra traduzida por “examinando” é ἀνακρίζω (anakrizō), que tem o sentido de “fazer uma pesquisa cuidadosa”, um “exame criterioso”, “inquirir”. (\* Lc 23.14; At. 4.9; 12.19; 17.11; 24.8; 28.18; 1Co 2.14,15 (duas vezes); 4.3 (duas vezes),4; 9.3; 10.25,27; 14.24). Conforme vemos em Lc 23.14; At 4.9 e 24.8, o verbo era usado para “investigações judiciais”. “Este verbo implica em integridade e ausência de preconceito. Desde então, o adjetivo ‘bereano’ tem sido aplicado a pessoas que estudam as Escrituras com imparcialidade e cuidado” [John R.W. Stott, *A Mensagem de Atos: até os confins da terra*, São Paulo: ABU Editora, 1994, (At 17.11), p. 308].

<sup>32</sup> John R.W. Stott, *A Mensagem de Atos: até os confins da terra*, (At 17.11), p. 308.

<sup>33</sup> “Altercações sem fim, por homens cuja mente é pervertida e privados da verdade (ἀλήθεια), supondo que a piedade é fonte de lucro” (1Tm 6.5).

<sup>34</sup> Paulo se referira a este como que alguém que naufragou na fé (1Tm 1.19-20).

<sup>35</sup> Esta palavra só ocorre aqui em todo o Novo Testamento. É deste termo que provém palavra *gan-grena*.

<sup>36</sup> A palavra é usada no sentido literal em Jo 2.15: “Em tendo feito um azorrague de cordas, expulsou todos do templo, bem como as ovelhas e os bois, derramou pelo chão o dinheiro dos cambistas, virou (ἀνατρέπω) as mesas”.

<sup>37</sup> Jesus Cristo já nos alertara sobre eles. Vejam-se: Mt 7.15; 24.11,24; Lc 6.26. O apóstolo João falaria mais tarde de sua realidade presente (1Jo 4.1).

<sup>38</sup> O verbo βλασφημέω, que tem o sentido de “injuriar”, “difamar”, “insultar”, “caluniar”, “maldizer”, “falar mal”, “falar para danificar”, etc., é formado de duas palavras, Βλάψις derivada de Βλάπτω =

dade" (2Pe 2.1-2). Pedro diz que o presbítero como pastor do rebanho deve estar em condições de alimentar o seu rebanho com a Palavra e, também, saber combater àqueles que tentarão seduzir os fiéis com "palavras *fictícias* (πλαστός)" (2Pe 2.3). O falso mestre é aquele que ensina a mentira, o engano: cria imagens que nada são para corromper seus ouvintes, conduzindo-os a negar o próprio Senhor Jesus Cristo e, também, à viverem libertinamente (ἀσέλγεια), ou seja, de modo dissoluto e lascivo.<sup>39</sup> Por causa disso, o caminho do Evangelho seria caluniado, reprovado, "blasfemado". A mensagem desses falsos mestres consiste numa corrupção do Evangelho. Πλαστός parece ter o sentido aqui de palavras artisticamente elaboradas, moldadas, sugestivas, porém, falsas, forjadas em seu próprio proveito, e, que por isso mesmo estão em oposição à verdade. Curiosamente este é o termo de onde vem a nossa palavra "plástico".<sup>40</sup> O ensino cristão envolve arte, mas não "arte plástica" para com a verdade.

## 5) A IGREJA E A PRESERVAÇÃO DA VERDADE:

Numa sociedade pragmática, já não existe interesse pela verdade. No entanto, a busca da verdade pela verdade é uma característica fundamental da Igreja. Já que cabe à Igreja o privilégio de proclamar a Palavra, ela tem de compreender as Escrituras para anunciá-la com fidelidade e vivenciá-la para proclamar com autoridade. Por isso, a Igreja é chamada de "coluna e baluarte da verdade", porque a ela foram confiados os oráculos de Deus (Rm 3.2/1Tm 3.15). A Igreja como baluarte da verdade está amparada no fundamento que consiste na obra de Deus realizada por intermédio de Cristo (Mt 16.18/Ef 2.20).<sup>41</sup> "Escrevo-te estas coisas, esperando ir ver-te em breve; para que, se eu tardar, fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, *coluna* (στῦλος)<sup>42</sup> e *baluarte* (\* ἐδραίωμα) da verdade (ἀλήθεια)" (1Tm 3.14-15).

Deus Se dignou em preservar a verdade por meio da Igreja. Quando a Igreja falha neste propósito ainda que a verdade não seja abalada em sua essência, ela se torna fragilizada em sua exposição e aceitação. A Igreja tem, portanto, a grande respon-

---

"injuriar", "prejudicar" (\* Mc 16.18; Lc 4.35) e Φημί = "falar", "afirmar", "anunciar", "contar", "dar a entender". A Blasfêmia tem sempre uma conotação negativa, de "maldizer", "caluniar", "causar má reputação", etc., contrastando com Εὐφημία ("boa fama" \* 2Co 6.8) e Εὐφημος ("boa fama" \* Fp 4.8) (Εὖ & φήμη). No Fragmento 177 de Demócrito, lemos: "Nem a nobre palavra encobre a má ação, nem é a boa ação prejudicada pela má palavra (Βλασφημία)". Paulo diz que o mal testemunho dos judeus contribuía para que os gentios blasfemassem o nome de Deus (Rm 2.24, citando Is 52.5). Compare este fato com a orientação de Paulo, 1Tm 6.1; Tt 2.5.

A falsa doutrina propicia a prática da blasfêmia (1Tm 6.3,4), bem como os falsos mestres (2Pe 2.1-2,10-12).

<sup>39</sup> Ἀσέλγεια ocorre nos seguintes textos do Novo Testamento: Mt 7.22; Rm 13.23; 2Co 12.21; Gl 5.19; Ef 4.19; 1Pe 4.3; 2Pe 2.2,7,18; Jd 4.

<sup>40</sup> A palavra grega πλαστικός é derivada do verbo πλάσσω, cujo advérbio utilizado por Pedro é πλαστός. A nossa palavra plástico vem do grego (πλαστικός) passando pelo latim (*plasticus*), sempre de forma transliterada, significando aquilo "que tem propriedade de adquirir determinadas formas sensíveis, por efeito de uma ação exterior".

<sup>41</sup> Ver: J. Blunck, Firme: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 1981-1983, Vol. II, p. 246.

<sup>42</sup> \* Gl 2.9; 1Tm 3.15; Ap 3.12; 10.1.

sabilidade de estudá-la, proclamá-la e vivenciá-la. A Igreja é o meio de demonstração desta verdade (Ef 3.8-11). A nossa responsabilidade primeira é com a verdade de Deus.<sup>43</sup>

A igreja basicamente preserva a verdade por meio do seu conhecimento, prática e ensino: Devemos conhecer a Palavra a fim de poder usá-la corretamente. A Timóteo, Paulo recomenda: “Procura (σπουδάζω = “esforçar-se com zelo”, “apressar-se”)<sup>44</sup> apresentar-te a Deus aprovado (δόκιμος = “aprovado após exame”),<sup>45</sup> como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem (ὀρθοτομέω)<sup>46</sup> a pala-

<sup>43</sup> Ver: Wayne A. Mack & David Swavely, *A Vida na Casa do Pai*, São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 17-24.

<sup>44</sup> A idéia da palavra é de fazer todo o possível – de modo intensivo, urgente, diligente e zeloso –, para cumprir a sua tarefa. Denota uma diligência que se esforça por fazer todo o possível para alcançar o seu objetivo.

<sup>45</sup> O verbo δοκιμάζω ressalta o aspecto positivo de “provar” para “aprovar”, indicando a genuinidade do que foi testado (2Co 8.8; 1Ts 2.4; 1Tm 3.10). Este verbo se refere à ação de Deus, nunca é empregado para a “tentação” de satanás, “visto que ele nunca prova aquele que ele pode aprovar, nem testa aquele que ele pode aceitar” (Richard C. Trench, *Synonyms of the New Testament*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1985 (Reprinted), p. 281). (Vejam-se mais detalhes sobre a “tentação”, em Hermisten M.P. Costa, *O Pai Nosso*, São Paulo: Cultura Cristã, 2001).

No entanto, ambos os verbos podem ser usados indistintamente, mesmo não sendo “perfeitamente sinônimos” (Vd. H. Seesemann, περιάω: In: Gerhard Kittel & G. Friedrich, eds. *Theological Dictionary of the New Testament*, 8ª ed. (reprinted) Grand Rapids, Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing Co., 1982, Vol. VI, p. 23; H. Haarbeck, Tentar: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 1983, Vol. IV, p. 599; Richard C. Trench, *Synonyms of the New Testament*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1985 (Reprinted), p. 278ss.).

<sup>46</sup> O verbo ὀρθοτομέω – “cortar em linha reta”, “endireitar” –, que só ocorre neste texto, é formado por ὀρθός (“direito”, “reto”, “certo”, “correto”) (\* At 14.10; Hb 12.13) e τέμνω (“cortar”), verbo que não aparece no Novo Testamento. Na LXX ὀρθοτομέω é empregado em Pv 3.6 e 11.5 com o sentido de endireitar o caminho. Analogias e aplicações variadas são possíveis, tais como: a idéia de lavrar a terra fazendo os sulcos em linha reta; construir uma estrada em linha reta a fim de que o viajante alcance com facilidade o seu objetivo sem se desviar por atalhos; o alfaiate que corta o tecido de forma correta a fim de fazer a roupa (Paulo como fabricante de tendas estava acostumado a este serviço no que se refere ao corte dos tecidos de pelo de cabra); o pedreiro que corta a pedra de forma correta para o seu perfeito encaixe, etc. A partir de 2Tm 2.15 várias analogias são feitas, tais como: a idéia de conduzir a Palavra pelo caminho correto para atingir de modo eficaz seu objetivo, manuseá-la bem, ministrá-la conforme o seu propósito, expô-la de maneira correta, ensinar correta e diretamente a Palavra, etc. [Vejam-se, entre outros: Helmut Köster, ὀρθοτομέω: In: G. Friedrich & Gerhard Kittel, eds. *Theological Dictionary of the New Testament*, 8ª ed. Grand Rapids, Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing Co., (reprinted) 1982, Vol. VIII, p. 111-112; Joseph H. Thayer, “Thayer’s Greek-English Lexicon of the NT,” *The Master Christian Library*, Verson 8.0 [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 2000, Vol. 2, p. 270; A. Barnes, “Notes on the Bible,” *The Master Christian Library*, Verson 8.0 [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 2000, Vol. 15, p. 795; Adam Clark, “Commentary the New Testament,” *Master Christian Library*, Verson 8.0 [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 2000, Vol. 8, p. 222-223; R. Klöber, Retidão: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 1983, Vol. IV, 217-219; William F. Arndt & F.W. Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, Chicago: University of Chicago Press, 1957, p. 584; Russel N. Champlin, *O Novo Testamento Interpretado*, Guaratinguetá, SP.: A Voz Bíblica, (s.d.), Vol. 5, p. 379; John R.W. Stott, *Tu, Porém, A mensagem de 2 Timóteo*, São Paulo: ABU Editora, 1982, p. 59-60; J.N.D. Kelly, *I e II Timóteo e Tito: introdução e comentário*, São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1983, p. 170; William Hendriksen, *1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001, p. 323-324; Newport J.D. White, *Second Epistle to Timothy*: In: W. Robertson Nicoll, ed., *The Expositor’s Greek Testament*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1983 (Reprinted), Vol. 4, p. 165; p. 798-799; R.C.H. Lenski, *Commentary on the New Testament*, Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers,

vra da verdade (ἀλήθεια)” (2Tm 2.15). Calvino traduz a metáfora usada por Paulo, “*maneja bem*” (2Tm 2.15) por “dividindo bem”, fazendo a seguinte aplicação: “Paulo (...) designa aos mestres o dever de gravar ou ministrar a Palavra, como um pai divide um pão em pequenos pedaços para alimentar seus filhos. Ele aconselha Timóteo a ‘dividir bem’, para não suceder que, como fazem os homens inexperientes que, cortando a superfície, deixam o miolo e a medula intactos. Tomo, porém, o que está expresso aqui como uma aplicação geral e como uma referência à judiciosa ministração da Palavra, a qual é adaptada para o proveito daqueles que a ouvem.<sup>47</sup> Há quem a mutile, há quem a desmembre, há quem a distorce, há quem a quebre em mil pedaços, e há quem, como observei, se mantém na superfície, jamais penetrando o âmago da doutrina. Ele contrasta todos esses erros com a boa ministração, ou seja, um método de exposição adequado à edificação. Aqui está uma regra pela qual devemos julgar cada interpretação da Escritura”.<sup>48</sup>

Quando ajudamos os servos de Deus que labutam pelo Evangelho, estamos cooperando com a verdade: “*Portanto, devemos acolher esses irmãos, para nos tornarmos cooperadores da verdade* (ἀλήθεια)” (3Jo 8).

## Considerações Finais:

Na declaração de Cristo: “*Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim*” (Jo 14.6), temos Nele a **verdade epistemológica** (Caminho); **verdade ontológica ou metafísica** (Verdade) e a **verdade existencial** (Vida). Em Cristo temos o modelo de interpretação e conhecimento da verdade; a verdade absoluta personificada e a verdade que serve de padrão absoluto e final para a nossa existência.

O apelo último da fé cristã é a auto-revelação de Deus em Jesus Cristo; o nosso apelo não é à *razão* ou à *experiência*, mas, ao Deus encarnado; nEle encontramos a Verdade e o sentido de todas as coisas.<sup>49</sup>

Maringá, 24 de dezembro de 2009.  
Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa

---

1998, Vol. 10, p. 425; W.C. Taylor, *Dicionário do Novo Testamento Grego*, 5ª ed., Rio de Janeiro: JUERP., 1978, p. 152-153; A.T. Robertson, “Word Pictures in the New Testament,” *The Master Christian Library*, Verson 8.0 [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 2000, Vol. 4, p. 703; William Barclay, *El Nuevo Testamento Comentado*, Buenos Aires: La Aurora, 1974, Vol. 12, (2Tm 2.15-18), p. 183; John F. MacArthur, Jr., *Princípios para uma Cosmologia Bíblica: uma mensagem exclusivista para um mundo pluralista*, São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 49-50].

<sup>47</sup> Este era o seu princípio pedagógico: “Um sábio mestre tem a responsabilidade de acomodar-se ao poder de compreensão daqueles a quem ele administra o ensino, de modo a iniciar-se com os princípios rudimentares quando instrui os débeis e ignorantes, não lhes dando algo que porventura seja mais forte do que podem suportar” [João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, São Paulo: Paracletos, 1996, (1Co 3.1), p. 98-99].

<sup>48</sup> João Calvino, *As Pastorais*, (2Tm 2.15), p. 235.

<sup>49</sup> Veja-se: Alister E. McGrath, *Paixão pela Verdade: a coerência intelectual do Evangelicalismo*, São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 24.